

APRESENTAÇÃO - DOSSIÊ:
ALIMENTAÇÃO & FORMAÇÃO - A COMIDA COMO APRENDIZADO – Parte 2

PRESENTATION - DOSSIER:
NUTRITION AND EDUCATION - FOOD AS A LEARNING EXPERIENCE – Part 2

À memória de Josué de Castro,
pensador da fome

Uma necessidade natural, biológica seria aquela que se apresenta segundo uma certeza que nos é pungente, inafastável, vital. Certa, como poucas coisas são. Desse tipo, é a exigência alimentar. Não nos é preciso, nesse caso, nenhuma explicação, nenhum conceito ou teoria externa para demonstrá-lo, e nos fazer compreender o que já sabemos, imediatamente. Não há certeza, nem critério de certeza, como as certezas naturais, físicas (nem mesmo as matemáticas). E, justamente, talvez, porque internas, hipersensíveis. Vêm de dentro, como uma razão ou verdade brotada das entranhas, que nos faz ‘conhecer’, em caráter até extremo, inúmeras situações ao mesmo tempo. E que mais poderia nos levar a um conhecimento essencial, senão a experimentação de um risco maior, de uma restrição que nos atravessa e nos impõe mesmo ações e gestos inesperados? Afinal, até muitas vezes realizados como se não fôramos nós a executá-los, sob *inconsciência* quase completa. Há aí todo um conjunto temático que, talvez, só tenha encontrado a devida acolhida nas Artes; mas por que só elas deveriam prestar a atenção necessária a tais situações? E, mesmo nelas, o natural quase sempre vira ‘naturalismo’. De fato, é um tipo de verdade *pesada*, eventualmente até grosseira, vulgar. Ainda assim, uma verdade. E negligenciá-la conta, portanto, negativamente, para todo pensamento investigativo. Dar as costas a essa via festonada e oblíqua de um corpo profundo não se afigura uma opção real. Nesse caso, nos seriam realmente vantajosos os refinados caminhos da abstração que nos levaram a preferir afirmar a cartesiana ‘eu penso, eu sou’, em lugar da muito mais direta ‘eu como, eu sou’?

Tenho fome. É preciso comer. Eis a verdade interior, transida, que nos diz desde dentro.

1. O processo aparentemente simples, natural, do alimentar-se, parece ter, desde sempre, refletido a complexidade humana essencial. Se o espírito - ou, se preferirmos, as subjetividades, as mentalidades, as culturas... - reflete diretamente as ações práticas, materiais, humanas, essas correlações seriam, então,

mesmo pré-históricas, fundacionais: comer, ontem e hoje, define, orienta, configura as gentes; a organização humana é a ordenação do comer.

Aliás, o que leva a que, o que vem ‘primeiro’? É uma vontade de nomadismo que produz os diversos grupos de caçadores-coletores, ou senão, ao contrário, será um quietismo, uma placidez intrínseca a certos grupos, que leva à fixação em terras mais favoráveis à agricultura regular? De outro modo, são as distintas experiências alimentares que promovem a reflexão, já em um segundo momento, a respeito da melhor forma de resolver as exigências ditadas pelo comer?

Em outras palavras, desses diferentes ‘modos de formação’ humanos, progressivamente experimentados (e mesmo nomeados) em torno à alimentação, provocados por ela, inventa-se e evolui a própria humanidade. Em torno à comida, funda-se quase tudo, e todos nós. Os alimentos são ora um presente divino, ora a descoberta de mulheres ou homens extraordinários (ou temerariamente curiosos), ora o elemento de construção de tribos, clãs, antigas comunidades. Isso, por todo o globo. O alimento vem da terra, aponta para o céu, está entre os homens. E, se esses mitos têm sentido, conservam alguma verdade, então trata-se de muito mais, até: o curso comum a todos nós é, mesmo hoje, o de um Caminho de Leite - que, espera-se, (ainda e sempre) Bom. O Universo, o Cosmos, algo de comer: assim a Via Láctea, feita literalmente do leite derramado...

O ‘modo de produção econômico’ não parece, assim, ser ‘primeiro’, ou não, certamente, o mais determinante, salvo se empregamos o termo ‘economia’ no seu sentido mais original, como expressando a norma, a lei da casa. A grande regra da casa humana é, com efeito, a da sua alimentação. O nosso modo de produção primeiro é o de nós mesmos, ligado ao que comemos, à nossa alimentação e nutrição. ‘Modo de produção alimentar’.

De lá para cá, dessa origem distante aos dias de hoje, o que se alterou? Fundamentalmente, talvez, a nossa entrada, até recente, nos tempos das ditas sociedades de massas, em que as atividades e as práticas humanas exorbitaram-se, em especial, quantitativamente. Somos mais, sempre mais, muitos mais. O transporte é de massas, a comunicação é de massas, a alimentação é, ou deveria ser, igualmente, declinada segundo esse termo maior. Alimentação, nutrição de massas.

Nesse sentido, nas grandes e médias cidades, o fenômeno da urbanização e da conseqüente complexificação social impôs, progressivamente, um importante processo de mediação, senão mesmo uma divisão de tarefas. É curioso. As crianças e adolescentes comem fora, invariavelmente, todos os dias da semana. (E, muitas vezes, ‘antes’ mesmo que os seus pais, ou com maior frequência; esses comem, via de regra, em casa ou, quando muito, no trabalho, comem, invariavelmente, a comida ‘de casa’, a marmitta, a quentinha...). Mas, sabemos, as crianças não são exatamente gourmets, ou boêmios. Elas não vão a restaurantes, bares, cafés, ou a outros estabelecimentos equivalentes. Na verdade, elas passaram a comer rotineiramente nas instituições escolares. (Esse o seu *fora* cotidiano). A merendar, a almoçar, a lanchar, enfim, a fazer refeições em um espaço outro que o de suas próprias casas. E essa é, decerto, uma das principais experiências de urbanidade que as escolas propiciam - ou deveriam propiciar -, aos pequenos.

Sair para comer... E, claro, assimilado esse princípio maior de exteriorização, começar a aprender já desde aí (diríamos que a boca é, talvez, o nosso órgão mais exterior, sempre voltado para fora, para um contato e comunicação com o mundo externo).

Ou seja, a escola moderna, e sobretudo a contemporânea é, mundialmente, também local de refeições, às vezes três, ou mesmo mais, em um único dia. Come-se, come-se, profusamente. E, com isso, ela conta já como parte essencial do processo diário da composição alimentar e nutricional de milhões, senão mesmo de bilhões de crianças, adolescentes e jovens adultos, por todo o globo, diariamente. A escola é o lugar (quotidiano) do comer. E não cabe aqui acrescentar, apenas, o termo 'também'. Não se trata de um lugar a mais, a se marcar igualmente pela atividade das refeições. Para muitos e muitas, a escola é o mais importante deles.

As grandes instituições sociais, sobretudo aquelas ligadas aos indivíduos em desenvolvimento, nas idades mais novas, precisam estar, assim, assentadas sobre a possibilidade efetiva da alimentação. Essas instituições têm nome conhecido de todos: escolas. Uma vez equacionada essa demanda, adequadamente resolvida a provisão da comida, só então dá-se a efetiva possibilidade de alguma atividade outra, inclusive a de educar. Ou seja, a primeira formação pela escola é, sensivelmente, a formação alimentar, a educação pelo comer.

Trata-se, sem dúvida, de uma questão de base. Eventualmente, devemos chegar à conclusão de que a realidade educacional nos descortina um diagnóstico sensível, e talvez inesperado: ir à escola, frequentar o ambiente escolar, em quaisquer de seus níveis, é, em boa medida, poder comer. Aliás, qual o melhor verbo aqui: deixar comer, fazer comer, dar de comer? Há, decerto, conjunções verbais anteriores: conceber comer, planejar comer, custear comer etc (e por aqui, vão a maior parte dos bons e maus poderes da política mundial...) Em todo caso, vai-se a escola *também* para aprender.

Na realidade econômica, e nas condições sociais que são as nossas, no Brasil e em países semelhantemente pobres, ou economicamente muito desiguais, o objetivo primeiro desse grande compromisso formativo é, decididamente, o de garantir acesso à comida (que, com frequência, falta em casa). A escola é, a seu modo, também um dispositivo alimentar, uma instituição gastronômica, uma experiência culinária, nutricional, constitutiva. Sem merenda, então sem aulas, sem escola, e pior, sem sentido, sem horizontes, as próprias instituições escolares. O eventual déficit cognitivo é, decerto, muito antes disso, um déficit alimentar. E, afinal, que escolas - para que escolas? -, se falta o que comer?

2. É evidente que o contemporâneo imporá – e está crescentemente a impor - novos desafios para o fenômeno e a atividade nutricional. De imediato, diríamos que há novos, e inesperados, fantasmas alimentares, novas crises do comer e do alimentar-se. Mais uma vez, porém por razões, em princípio, bem diversas, a comida está, ao mesmo tempo, (muito) longe e (muito) perto dos homens. Come-se de tudo, planta-se e colhe-se em toda parte, produz-se e distribui-se os mais variados alimentos. As cadeias produtivas da alimentação humana são hoje globais, e um dos principais motores, aliás, da globalização

contemporânea. (Antes, quiçá, foram as especiarias, e em seu lugar, estão hoje as ‘commodities’ alimentícias e o agronegócio).

Mas, essa fartura não encontra, claramente, equivalência na repleção de todos. A fome, hoje ainda, é mais presente do que a refeição certa. Há um claro desequilíbrio nessa balança. E, a globalização é também a da Grande Fome. Talvez, ao menos da perspectiva das regiões mais pobres do planeta. Nesse caso, por aqui, nesses cantos e recantos nossos, a pergunta deveria ser antes até negativa: por que a fome, antes que a barriga cheia?

O caso mais emblemático é, possivelmente, o dos grandes centros urbanos. Como alimentar as grandes massas? Como fazer comer as grandes aglomerações citadinas? De maneira permanente, e sem sobressaltos? É, a cada dia, um dos nossos grandes desafios, logístico, comercial, industrial. A cidade não produz o que come, e come mais do que todos. É certo que o tempo das grandes conquistas tecnológicas, médicas, sanitárias, obviamente impacta positivamente esse cenário, todas elas refletidas na produção massiva de alimentos. Por outro lado, sair às ruas, em qualquer grande cidade, é constatar de imediato que a fome também está, nunca se foi. Ela incide sobre muitos, atravessa um número até mesmo inacreditável de corpos. Por que tantos? O tempo da fartura possível é também o das fomes evidentes, e mesmo crescentes. Talvez devêssemos adaptar aqui Darcy Ribeiro: as nossas fomes, visíveis, invencíveis, não são crises, mas projetos.

E, a rigor, como separar todas essas fomes e crises da própria educação? (ou de suas conseqüentes carências, limites, e contradições?)

A vida na periferia global, nos países subdesenvolvidos é, por definição, a vida sem comida - como foi, ou é, ainda, via de regra, a vida sem educação ou escola. Sobretudo, nos países mais carentes, esses termos parecem andar juntos. Mas, assim também, inversamente: quando se organiza e se investe na educação, as crianças comem, há menos fomes. A maior qualidade da merenda escolar é, aliás, a de ser, frequentemente, a melhor alimentação de toda a família, que tem então menos bocas a alimentar, e que já não precisa responder, por si só, pelas mais jovens, conseguindo alimentar melhor todas as outras.

É preciso não perder jamais de vista essa verdade dos países pobres: ir à escola é, de saída, poder comer. Em quaisquer dos níveis de ensino, no fundo. As filas dos bandejões universitários desdobram e ecoam as das séries iniciais infantis. Aliás, já por essa razão, a experiência da alimentação escolar já não mereceria estar melhor dimensionada em sua importância pedagógica, e mesmo estar melhor inscrita nos currículos dos diversos níveis de ensino? E, mesmo, no conjunto das atividades escolares, de maneira ampla? A carência alimentar, uma vez constatada também dentro do ambiente escolar, não deveria se reverter, afinal, em uma outra orientação, de correção formativa? E até mesmo, conforme uma evolução pedagógica real, em uma ‘ciência’ do saber comer?

Uma filosofia ou psicologia da alimentação e do cultivo de si, do auto-cuidado que passa pela relação com a própria comida, e até mesmo com o gerenciamento alimentar pessoal, tudo isso não seria parte essencial do que deveríamos aprender na escola? Pois, afinal, assim o será, seja como for: iremos

‘aprender’ a comer de qualquer jeito, ou como nos for possível. A diferença, oxalá, é que na escola teríamos a chance de reunir os dois termos, em lugar de os pensarmos ainda em separado. Aliás, como segue acontecendo quase sempre, nas nossas escolas presentes. Há a hora de aprender e a hora de comer. Um desencontro até irresponsável. Como essa temática alimentar pode ainda se manter tão afastada, tão ausente? Como a cozinha, a cantina, a sala de refeições podem ser ainda ambientes ‘à parte’?

Uma revolução possível das nossas instituições escolares talvez devesse passar por uma nova atenção a essa segmentarização excessiva. Em vez de relegar o comer a um plano menor, a uma condição para-educativa, deveríamos começar por gritar e reivindicar um novo estatuto interno não-excludente: “*somos todos merendeiras! (e cozinheiras, e auxiliares etc)*”. É curioso que a atividade docente esteja quase sempre desligada, ou ao menos muito afastada, da construção desse momento essencial do processo de aprendizagem. É, decerto, um reflexo tardio, mas ainda vivo, das tradicionais visões dicotômicas a separar, e mesmo hierarquizar, corpo e alma (ou espírito, mente etc). E, em seguida, a fundar, sempre em seu nome, a nossa conhecida divisão social do trabalho, ora manual, ora intelectual, mas nunca, em princípio, comum, conjunto, coletivo.

Fala-se, aliás, e repetidas vezes, da necessidade das escolas proporcionarem algum tipo de educação financeira. Por que não? Mas, de novo, essa nos parece uma questão que se afigura demasiado abstrata, até improdutivo. Com pouco dinheiro, a que economia temos de fato acesso, o que está em nosso alcance, em caráter substantivo? O que fazer, então, se o dinheiro é pouco, senão usá-lo para comer? E o que seria já a educação financeira se não, também, uma educação alimentar? Comer ovo, pão, frutas, verduras, ou os ultraprocessados da hora? Onde encontrar a proteína que não vem na carne que não se come? E por que não formar e estimular ao preparo da própria comida, e mesmo ao cultivo da pequena horta pessoal etc? A conduta alimentar é assim fortemente formativa, e deveria sê-lo até muito mais. Vençamos a fome começando ao menos por fazermos as perguntas corretas...

3. Retomemos brevemente um aspecto filosófico (mas afinal também psicológico, educacional).

O desenvolvimento, e a progressiva complexificação das sociedades humanas, na passagem para as suas formas arcaicas, e depois para as antigas, não dirimiu nem sequer diminuiu, as grandes divergências originárias, características dos processos da alimentação humana, que mencionávamos no início desse texto. Em geral, ao contrário. De um modo ou de outro, comer jamais se tornou ‘mais fácil’, para os grupos humanos. Se pudermos considerar uma situação original, da oposição entre carência-satisfação, define-se um par inicial ‘comer-não comer’, ligado, em particular, às superações mais ou menos satisfatórias da fome que se experimenta (seja esta circunstancial, ou mais prolongada, individual ou geral, etc). Teríamos, de início, portanto, um comer ‘físico’, ‘animal’, primeiro ou originário. Até que ponto isso se deu assim mesmo, e por quanto tempo, são questões invencíveis.

Por outro lado, quando e como a alimentação deixou de ser a simples satisfação da fome? Pois, um dos traços mais curiosos dos momentos subsequentes é que vencidas, de algum modo, as carências

mais exigentes, típicas da condição humana ‘original’, desprovida de recursos, e sujeita às adversidades várias, não se perde, no entanto, a centralidade ‘anterior’, do mesmo par ‘comer- não comer’. A diferença é que ele já não é mais tão somente fisiológico, físico. Perde-se a aspereza da fome opressiva, não se perde, porém, talvez, a sua memória, e essa configura uma nova presença. Há, já então, em um momento posterior, uma fome ‘espiritual’, ‘civilizacional’, via de regra, religiosa. Aos imperativos externos, vem se somar e, quiçá, talvez já muito cedo no desenvolvimento humano, uma série de outros componentes, que se apresentam, agora, não na ausência, mas na presença da comida... E desde então, esses oporiam um ‘comer livre’ a um ‘comer regrado’.

O par inicial ‘comer-não comer’, a partir disso, varia em todas as direções, e não há, por exemplo, fenômeno religioso que não imponha ritos e prescrições alimentares. Comer (ou beber) isso, e não aquilo, consagrar tais e tais alimentos, proibir outros tantos, comer em determinadas posições e posturas, e não em outras, levar os alimentos à boca com a mão certa, preparar-se, até ritualmente, para estar à mesa... De novo: somos o que comemos – mas isso não será jamais assim tão simples.

Porém, não se trata apenas de mitos e ritos. Isso ultrapassa as religiões. Ou, quem sabe, esses processos iniciais se laicizam e acabam por se estender a outros saberes nascentes. Um exemplo, dentre tantos: mesmo as grandes divisões filosóficas parecem, em larga medida, reproduzir essas dicotomias fundamentais. Nesse caso, uma grande oposição, ainda no período da filosofia grega, envolveria, por exemplo, as posições – e contraposições – de Platão e Epicuro.

A busca por um modelo ontológico metafísico, por um ‘segundo mundo’ inteligível ou, ao menos, por um descolamento/deslocamento em relação ao sensível, e à pura transitoriedade da empiria, teria levado Platão a encontrar no corpo humano mesmo, uma significativa metáfora de sua postulação. O corpo ereto apresenta, assim, uma divisão tripartite, na qual a cabeça, mais próxima do céu, mostra-se um centro de comando das partes inferiores. Abaixo dela, o coração, um centro pulsante, dínamo de ímpeto e ânimo, porém cuja atividade meramente impulsiva carece da orientação que só lhe pode ser dada pela porção superior. E, em terceiro lugar, perto demais da terra e da vida sensual, o ventre, lugar dos apetites e desejos. O comer, desse modo, é literalmente baixo. E rebaixador, em suas exigências, do que está orientado para cima e para um céu (anorético) de ideias ou formas ‘puras’. Ao menos, demasiado baixo para ser um núcleo de maior relevância para a nossa atenção intelectual ou filosófica. A alimentação, nesse sentido, requisitaria mais controle do que, propriamente, cultivo. O cuidado aqui é aquele que se tem diante de um perigo, de um risco. A sensualidade do comer, do preencher e satisfazer o corpo, orientar-se para e segundo as necessidades deste último é um complicador de todas as horas.

Epicuro, por outro lado, estabelece a experiência alimentar como parte de uma vida em comunhão, que celebra a amizade como elemento maior de união. A convivialidade ensejada pelas refeições em comum, e, evidentemente, o zelo pela qualidade dessas, apontam para a constituição de elos sólidos, fundados em uma quotidianidade cuidada e celebrada. Evidentemente, o cultivo é, também, o das relações, cujos reflexos últimos, éticos ou políticos, apontariam para uma comunidade muito mais

coesa, do que mesmo os melhores laços democráticos e cidadãos permitiriam suportar. Em outras palavras, não sou 'igual' a outrem porque partiu, com ele ou ela, uma mesma esfera pública, e uma atividade e atitude cívicas, mas, ainda assim, demasiado intangíveis, e por isso mesmo, grandemente abstratas. Sou 'igual' (e sobretudo, crescentemente melhor) porque, literalmente, como com outro, ou comemos juntos. Estamos à mesma mesa, dialogando, pensando 'ao vivo', na vivacidade mesma de uma refeição em comum. Somos iguais, e mais próximos, porque partilhamos, inclusive, a comida e a boa refeição. Porque nos sentamos, efetivamente, à mesma mesa, e zelamos por ela.

Duas linhas filosóficas, duas cosmovisões, afinal também alimentares.

Depois, sempre, de Aristóteles a Kant, de Nietzsche a Foucault, o que comer? Como cuidar da alimentação? O que vai à boca, vai também, afinal, ao pensamento, às ideias. Enfim, tem-se a dietética como um ramo próprio, ainda insuficientemente explorado da pesquisa – ou da praxis – filosófica. Isso sem falar de outras tantas contribuições, de todas as partes do globo: como grande traço comum, a concepção de que um núcleo crucial do pensamento é também o estômago, o sistema digestivo. Todo um léxico o reforça: experimentar, provar, ruminar, digerir...

Ou seja, o pensamento não é apenas moderadamente antropofágico (comer as ideias de outrem, nutrir-se delas); ele é orgiasticamente omnívoro, *tutofágico*. Literalmente, tudo o alimenta. Ainda que não necessariamente, nos torne mais fortes. Eis a questão (mais uma vez). E portanto, parece-nos, há sempre um elemento de formação, uma pedagogia do comer, que atravessa todos esses períodos e escolas.

Uma filosofia da alimentação vai, assim, desde cedo, se afirmando por dentro das questões mais amplas do pensamento filosófico, e na verdade, poderíamos dizer que ela se encontra hoje conceitualmente espalhada, quotidianizada, percorrendo desde uma cultura 'gourmet', 'de ponta', do comer bem no sentido do comer com refinamento e apuro, até a outra ponta dietética desse mesmo arco do comer bem, que se evidencia nos cuidados nutricionais mais minuciosos, que dedicamos às nossas crianças, ou ao menos no empenho em fazê-lo, desde o nascimento e os primeiros anos da infância.

Há muito, portanto, e segundo campos bem distintos da experiência humana, somos, e nos percebemos, segundo o que comemos - ser é comer (e sim, essa é uma verdade muito mais pungente, desde esse lado de cá, das periferias mundiais). Até que ponto ser ou não-ser se confundem, ou ao menos se configuram enquanto comer ou não comer. Pois como poderia ser, aquilo que não é, não vive? (Nietzsche); e portanto como ser, e vir a ser, sem o comer? Ser mais, ser menos, eis a trágica balança, afinal alimentar, de todo o Terceiro Mundo empobrecido.

4. Essa segunda parte do dossiê 'Alimentação & Educação', do caderno APRENDER, publicação da Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia, procura desdobrar, em chave contemporânea, uma questão da alimentação, ou ainda, um 'problema do comer'. Nessa nova apresentação, retomamos elementos já tematizados no segmento anterior de nosso dossiê. Interessa-nos, no conjunto dessas duas publicações, propor um panorama amplo sobre a presente abordagem dessa temática no país (ou mesmo,

na América Latina). Convidamos, nesse sentido, à leitura da *Apresentação* anterior, e de todo o conjunto de textos da primeira parte do dossiê, além desta, que ora publicamos. É uma coleção de escritos que nos leva a diversas áreas da reflexão sobre os dois campos, da Alimentação & Educação, em sua relação mais atual.

Parece-nos, em especial, que define-se, aqui, uma das investigações mais relevantes a serem conduzidas nas pesquisas educacionais. Não há investigação coerente sobre a infância e a adolescência que não aponte para o seu processo de formação, em sentido amplo. E como, no bojo desse processo, negligenciar-se o lugar central da alimentação? Uma pesquisa dual, relacional, portanto, aqui se impõe: nutricional e pedagógica. Uma em atravessamento da outra, alimentar & educar - uma como a outra, educação como alimentação.

De algum modo, a pergunta de fundo desses dois números, talvez seja a mesma de qualquer outro dossiê, de toda investigação: será que já nos perguntamos suficientes vezes, a respeito dessa determinada temática? Em todo caso, aqui, na relação entre os dois termos, nos parece haver algo mais fundamental. Não se trata de reunião forçada ou associação indébita. Associar 'comer' e 'formar' aponta para o próprio processo constitutivo de todo ser humano. Comer envolve o processo de formação inicial, que encontrará na educação formal o seu desdobramento refinado, 'superior' (*eu como, eu sou, eu sei, eu como melhor...*). Por isso mesmo, esses termos frequentemente até se confundem. Com efeito, 'Formação' é, nesse caso, a palavra mais significativa. Ela fala ao mesmo tempo de um e outro campo. Não se trata, é óbvio, de um signo meramente pedagógico (e talvez originalmente, não o seja). Ele vai além. Empurra a infância à frente. Come-se para ir adiante, para ser-mais. Mas, não se evidencia também uma situação, um acontecimento aquém? No sentido de forçar a Educação a voltar sempre o seu olhar para os processos humanos mais básicos, mas afinal também seus. Assim, se dá, explicitamente, com relação à alimentação.

Nesse sentido, o objetivo maior do número é o de tornar mais explícito o 'segredo' muito evidente dessa relação: o educar aponta para o alimentar-se, e vice-versa: não há comer que não seja, em si, um (progressivo) aprimoramento, que resulta necessariamente maior do que aquele que se liga à concretude, bem mais simples, do *matar a fome*. A comida jamais é tão estritamente material, ou circunstancial - quando muito, apenas em um primeiro momento, demasiado primitivo. Assim como a educação, tampouco, será jamais apenas formal, erudita, até abstrata. Com efeito, o empirismo, o materialismo do comer já apontaria sempre para algo mais, algo além do 'matar a fome'. E, uma vez isso equacionado, a fome vencida é impulso, pulsão à frente, para um deslocamento.

Sobretudo, é claro, na infância, essa seria uma propensão então a quê, senão a querer saber mais? Sentir-se alimentado é a própria condição da questão possível, inevitável: e agora o que? *Já estou satisfeito, quanto à fome inicial, qual a questão seguinte? Qual o problema por vir?*

A menor preocupação com a comida na mesa representou, por outro lado, a possibilidade de consolidação da própria sobrevivência complexa das sociedades humanas. Como afirmou Josué de Castro, subdesenvolvimento é fome. E quem enfrenta, rotineiramente, quotidianamente a fome, não pode

se desenvolver. O desenvolvimento humano é, primeiramente, o desenvolvimento de sua capacidade de poder comer, de ter comida disponível.

5. Era nossa intenção e expectativa que esse dossiê pudesse se desdobrar em mais de um dos números de nosso caderno, para que, assim, ele pudesse ter a sua conclusão acontecendo já agora, em 2026. Isso para que ele pudesse funcionar como uma pequena homenagem aos oitenta anos de publicação de nossa obra maior, a respeito do fenômeno da alimentação no Brasil – na verdade, antes sobre o seu oposto, ou seja, o déficit alimentar e nutricional nacional –, que é *Geografia da Fome*, de Josué de Castro.

Desse livro se poderia dizer, mas nesse caso com grande pesar, que ele permence inteiramente atual. É um livro do nosso tempo, ainda.

Um dos aspectos que levaram à escrita dessa obra, destacado pelo próprio Josué de Castro, e que fala intensamente a uma revista de psicologia, filosofia e educação, está referido ao funcionamento daqueles que são talvez os dois mais relevantes instintos a compor a natureza humana: o instinto sexual, e o instinto alimentar, ambos, cada um a seu modo, respondendo por nossa (auto)conservação. Seu funcionamento permanente, pulsional, se sobreporia, portanto, à nossa própria vida consciente, e à nossa porção mais decididamente racional (i.e., menos ‘animal’). Por isso mesmo, eles teriam se constituído, sempre segundo Castro, em dois grandes tabus culturais, ao menos no hemisfério ocidental: falamos, dentro de nós, desde nós, a respeito de algo que não dominamos inteiramente. Como sabemos, coube a Freud, em especial, enfrentar o primeiro deles, dar voz ao sexo, instalar a sexualidade no mais profundo de nosso psiquismo.

Generoso ou modesto, Josué não reivindica para si os louros de ter proposto uma obra seminal, inaugural, conscientemente dedicada a desnudar a centralidade da alimentação e da fome em nossas vidas, nos mundos humanos. De ter abordado a outra metade de nossa natureza instintual. Nesse caso, se a grandeza da investigação acerca da condição humana, na primeira metade do século passado, consistiu no enfrentamento decidido de uma inédita questão sexual, desde então de importância crescente, a segunda metade, aquela que nascia com um dever de reconstrução, sobre os escombros do pós-guerra e do colonialismo, seria então ocasião para a revisão, e possível superação, do segundo tabu.

A obra de Josué tem sua primeira edição em 1946, e de lá para cá, contudo, assim não foi. O sexo, ou a sexualidade, comum a todos, se instala no universo do pensamento. A alimentação, no entanto, não desperta igual interesse, como problema. Por que? Não há, talvez, como escapar à resposta cínica, classista. A fome é tema vivo para alguns, não para todos. Àqueles que já comem, ela talvez não faça qualquer sentido (já a frase canônica, atribuída a Maria Antonieta, é muito reveladora desse tipo de alienação auto-suficiente: *se não têm pão, que comam brioches*). Sexualidade, tema transversal, universal; fome, drama horizontal, dos de baixo...

Castro, vê-se, não provocou o abalo epistêmico de Freud. Talvez, ele mesmo não o esperasse, não o cogitasse. E, no entanto, por que seria mais difícil falar da fome, do que se mostrara falar do sexo?

Privar-se do bom sexo seria então mais crítico do que se ver privado da boa alimentação? Seja como for, insistamos, esse precisa ser, novamente, o nosso problema. Nesses arrebóis do mundo desenvolvido, e do capitalismo, apostar no valor das refeições e nas refeições como um valor é uma posição estratégica, de grande força transformadora, até revolucionária. Já Cuba, nos anos de Guerra Fria, desde esse alter-mundo, desse multiverso que é o mundo da fome, cunhara a fórmula triunfal: “nessa noite, muitas crianças irão dormir com fome. Nenhuma delas é cubana.”

De outra maneira, esse mesmo critério aparece em outra famosa frase, da grande cantora, então ainda desconhecida, Elza Soares. Caloura de um programa de auditório, vestida de modo descuidado, e mesmo inusitado, ao adentrar o palco para cantar, pergunta-se a ela de onde veio, para estar ali, assim, tão desenxabida e desencontrada. E Elza: “do Planeta Fome...”

A seu modo, essas duas expressões pungentes encontram uma síntese possível em uma fórmula do próprio Josué de Castro (ou reivindicada por ele), e muitas vezes relembra: ““Enquanto metade da humanidade não come, a outra metade não dorme, com medo da que não come.” É, convenhamos, um medo despropositado, infame. Mas, está claro, é ainda o nosso medo, em pleno século XXI.

Voltando à imagem anterior, não é certo que, algum dia, venhamos a ter o melhor sexo possível, ou antes, a compreensão mais perfeita, adequada, do sentido mesmo de nossa sexualidade. Freud bem o sabia, e nesse sentido, disse que a psicanálise seria uma atividade infinita. Infinita, indefinida como a pulsão sexual em cada um de nós.

Por outro lado, esse descompasso parece ser ainda maior no que diz respeito ao enfrentamento da relação fome-alimentação. E essa pareceria ser até muito mais objetiva, em seus requisitos. Se há tantos bilhões de bocas a alimentar, há que produzir alimento suficiente para todas elas. E, uma vez que essa quantidade formidável já é uma realidade hoje, ou ao menos, haveria os recursos para tanto, por que ainda padeceremos com a fome? Esse descompasso, essa assimetria alimentar permanece um dos grandes enigmas do nosso tempo. E não nos parece possível apenas denunciar o capitalismo, uma vez que também as diversas experiências socialistas quase que invariavelmente produziram grandes fomes. Assim na China, em Cuba, na antiga União Soviética... Há aí um impasse plural, econômico, psicológico, político, e por que não, ético, estético, filosófico. Aparentemente, o mundo precisa passar fome; é preciso ver a fome explícita, ao vivo, lamentá-la ou, quem sabe, deliciar-se com ela... Um fascismo, uma pulsão de ódio que passa pela fome (ou, mais exatamente, pelo não deixar comer, e saber que é e será assim). Produzir comida, e não deixar comer. Essa uma das mais perniciosas equações do mundo presente – ou de todos os mundos humanos, cada um a seu tempo.

Nesse sentido, o grande ‘cercamento dos campos’, momento essencial da transição para o modo capitalista de produção é também o momento da invenção moderna das Grandes Fomes inaturais. Invenção de uma nova forma de Fome, pois que essa já não passa, necessariamente, por qualquer desajuste climático, falência ecológica ou catástrofe ambiental. É, a rigor, uma decisão. Uma escolha implacável. Ou seja, a crise de alimentação contemporânea nada tem, verdadeiramente, de uma crise, mas

é, insistamos, tão somente um projeto. A mais perfeita e bem-sucedida biopolítica humana é, até hoje, a da fome dos sujeitos, dos indivíduos, dos corpos. O grande papel da escola por vir será também o de nos preparar, sob vários aspectos, para uma reformulação definitiva desse quadro.

Voltamos ao início. O ‘eu como, eu sou’ – ou, muito mais dramaticamente, a sua negação ‘eu não como, eu não sou’ - é uma verdade, uma certeza que passa diariamente por dentro das nossas muitas escolas, e para a qual elas nos deveriam preparar melhor. Eis aí um dos principais, senão o desafio pedagógico maior do nosso tempo (inclusive, na proposição de uma nova equação ecológica, um novo contrato natural planetário, mais favorável à natureza, ora brutalmente vilipendiada em prol desse comer afinal disruptivo, hiper-comercial e alienado).

Leonardo Maia

Editor convidado

Faculdade de Educação

Universidade Federal do Rio de Janeiro – UFRJ